

# Americanos rejeitam negociação em bloco da dívida

Londres — UPI

Londres — Os Estados Unidos se anteciparam ontem às pressões dos demais países industrializados para baixar as taxas de juros e se recusaram a fazer concessões aos países latino-americanos endividados. O Secretário do Tesouro dos EUA, Donald Regan, rechaçou qualquer negociação global dos débitos da região, na abertura da reunião de cúpula dos sete países mais industrializados, na Capital britânica.

Num claro recado à Alemanha e à Inglaterra, principais críticos da política americana de elevados déficits públicos — responsável pela elevação das taxas de juro — Regan sustentou que “não há relação alguma, ao contrário do que se afirma comumente, entre déficits e taxas de juros”.

## Encorajar os bancos

Regan afirmou que o Governo americano não pretende intrometer-se em negociações entre “bancos comerciais credores e países devedores” e nem vai “impor soluções” aos bancos, embora esteja disposto a “encorajá-los a procurar alternativas de solução”. Citou como exemplo de melhoria da crise de endividamento internacional o resultado alcançado durante o encontro dos principais presidentes de bancos centrais e comerciais em Filadélfia, no começo da semana.

— Se vocês quiserem utilizar a palavra fórmula — disse Regan aos jornalistas — então podem dizer que o encontro de Filadélfia mostrou, no caso do México, como passar de um programa a curto prazo para um programa a longo prazo.

Regan acha que o tratamento individual dos casos de dívida tem dado resultados satisfatórios desde 1982. A carta dos sete endividados e a programada reunião dos Chanceleres desses países, no final do mês, para discutir uma atitude comum, provocou apenas um comentário irônico de Regan:

— É a decisão deles. Se eles quiserem se encontrar para discutir, é problema deles. Nós não comentamos isto — declarou.

## Kohl e Mitterrand

Não só os latino-americanos foram brindados com a intransigência do Secretário do Tesouro americano. Regan rejeitou categoricamente as críticas públicas feitas por Alemanha e Inglaterra, que atribuem ao alto déficit público norte-americano a responsabilidade principal pelo aumento nas taxas de juros.

Essa ligação, na opinião do Secretário do Tesouro, não existe, e “isto é o que o Presidente (Reagan) quer tornar claro aos outros participantes”. O primeiro a ter a oportunidade de ouvir isso foi, ontem mesmo, o Chefe do Governo alemão, Chanceler Helmut Kohl. Durante um encontro, à tarde, de 45 minutos com o Presidente Ronald Reagan, Kohl alertou-o particularmente para a difícil situação criada para os países latino-americanos endividados com a alta dos juros norte-americanos.

Já o Presidente francês Mitterrand, que também se reuniu a sós com Reagan, no começo da noite, sequer mencionou as expressões “juros” ou “déficit” na sua conversa com o colega americano. Em princípio, explicou mais tarde o porta-voz de Mitterrand aos jornalistas, a posição do Governo francês aceita o dogma americano de tratar “caso por caso”, mas há “componentes globais” causadores da difícil situação dos endividados, que não podem ser ignorados.

Entre esses componentes, o Presidente francês incluiu os juros. “Podemos exigir esforços dos endividados para corrigir sua situação, mas temos de ver que esses esforços têm limites, e que esses limites são atingidos quando há revoltas causadas pela fome, como na Tunísia e de ‘arrabios’, teria dito Mitterrand.”

## A carta dos latino-americanos

Se depender da vontade do Presidente americano, o encontro de cúpula — naquilo que concerne a problemas monetários e financeiros — servirá para discutir apenas generalidades, deixando alguns poucos aspectos concretos para os Ministros da Fazenda, que se reúnem paralelamente (além dos Ministros das Relações Exteriores, também em Londres).

A carta dirigida pelos sete países latino-americanos endividados aos participantes do 10º Encontro de Cúpula dos Industrializados, em Londres, teve — de acordo com os alemães — um papel na conversa de Kohl com Reagan, na medida em que o Chanceler alemão mencionou a “difícil situação dos países em desenvolvimento”.

Para Bernard Ingham, porta-voz do Governo Britânico, o mesmo tema “ainda não está em pauta”, já que a agenda do encontro estava sendo negociada, ontem à noite, num encontro informal dos Chefes de Estado e Governo. Tudo dependerá, de qualquer maneira, da direção tomada pela Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher, que preside a Mesa. Pelo menos ontem à tarde, ela parecia mais interessada em arrancar dos participantes, sobretudo, uma declaração política sobre o problema do terrorismo.

Para os franceses, a carta dos latinos “está sendo ainda analisada”. Confirmando-se as previsões de Regan, o encontro de Londres, na prática, se restringirá realmente às já extensas e pomposas cerimônias protocolares (só a chegada dos participantes, ontem, exigiu que Thatcher passasse seis horas de pé, recebendo-os).

## Juros e protecionismo

Mesmo uma proposta concreta levantada ontem pelo Premier japonês Nakasone, que se encontrou à tarde com Reagan, provavelmente não terá maiores repercussões em Londres. Os japoneses querem promover um novo ciclo de negociações comerciais globais, mas os alemães acham que sequer o GATT foi totalmente exaurido e, por isso — embora apoiando “qualquer tentativa de liberalização do comércio internacional” — preferem deixar a idéia de uma nova conferência para o futuro.

Juros altos e protecionismo, do ponto-de-vista de países endividados como o Brasil, são os assuntos de maior e imediato interesse na conferência dos ricos, em Londres. Mas, provavelmente serão contemplados apenas com bonitas palavras. Alguns especialistas, como Fred Bergsten, diretor do Instituto de Economia Internacional (e antigo assistente do Secretário do Tesouro americano) já denominam o encontro de Londres de “Não acontecimento do ano”.

Num seminário organizado pelo Instituto de Relações Internacionais britânico sobre os principais temas a serem discutidos pelo encontro de Londres, o Professor Ruediger Dornbusch, da cadeira de Economia no Instituto de Tecnologia de Massachussets, garante que o primeiro passo para a formação do cartel dos endividados já foi dado, embora os países latino-americanos ainda não tenham formalizado uma vontade política comum.

## Participação dos governos

O presidente do Banco de Compensações Internacionais (BIS), Fritz Leutwiller, acha que os sete reunidos em Londres só poderiam ajudar aos bancos centrais e comerciais se forem capazes de reduzir eficientemente barreiras protecionistas aos produtos de países endividados.

Ele diz que a política de empréstimos dos bancos, que levou — em parte — à crise do endividamento, foi ativamente apoiada pelos governos ocidentais, que agora não podem ficar omissos. Sobretudo nesse ponto, as opiniões dos governos industrializados são bastante conservadoras.

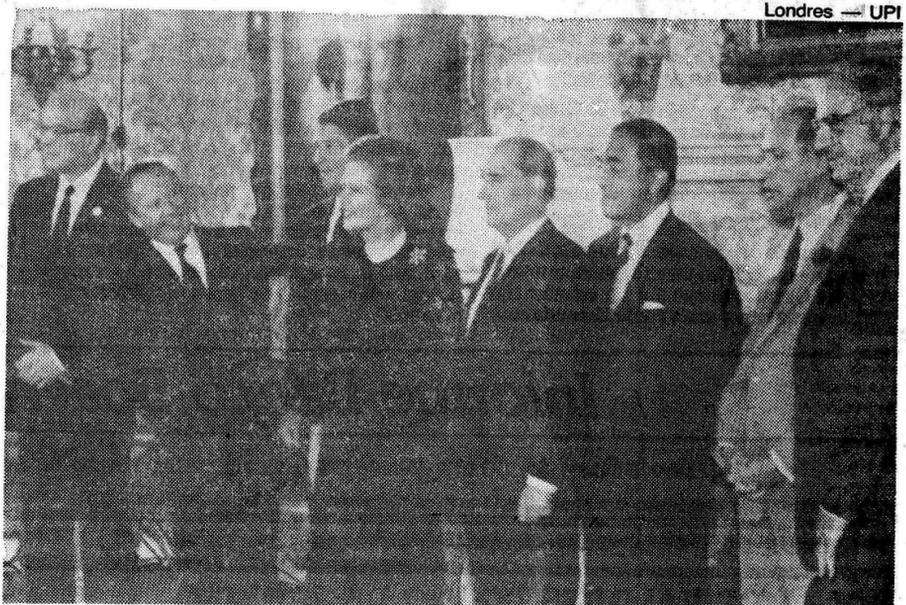
Alguns, como Alemanha e Inglaterra, criticam asperamente as altas taxas de juro americanas e prometeram interceder em favor dos endividados. Na prática, nenhum está disposto a assumir “riscos privados” criados pelos bancos, o que significaria, em última instância, jogar o dinheiro do contribuinte como garantia de negócios particulares.

— Não sou muito amigo dessas fórmulas que estão sendo discutidas por banqueiros, tal como protelar pagamentos de juros ou encontrar fórmulas de transformar juros devidos em novos créditos. Mas acho que não é da competência do meu Governo intrometer-se nesse problema reservado aos bancos — disse o Ministro da Fazenda alemão, Gerhard Stoltenberg.

Qualquer que seja a intensidade das discussões, o encontro de cúpula termina no sábado à tarde, com duas declarações: uma política e outra econômica. Os esforços diplomáticos da chefe de governo britânica estavam concentrados, ontem à noite, com o apoio do Chanceler alemão, em obter uma declaração sobre as relações Leste—Oeste e outra sobre o terrorismo.

Outro tema importante na pauta política dos Chefes de Governo, trazido especialmente pelo Japão, é o desenvolvimento da guerra do Golfo Pérsico, paralisando o movimento de petroleiros na região.

WILLIAM WAACK



Reunidos em Downing Street, 10 — da esquerda para a direita: Craxi, Thorn (CEE), Reagan, Thatcher, Mitterrand, Nakasone, Trudeau e Kohl.